

Eles botam o bloco na rua: sociabilidades homoeróticas de jovens em espaços públicos não-comerciais em Goiânia¹

Marcelo Perilo²

Resumo: Nesta comunicação, discuto, a partir de uma abordagem etnográfica, a constituição de estratégias de convivência e sociabilidades homoeróticas de jovens na cidade de Goiânia, bem como espaços públicos não-comerciais para sua experimentação. A pergunta que orientou o trabalho de campo iniciado foi a de como um grupo de jovens, pertencentes ou não à maioria legal, apropriam-se de ambientes em logradouro público em busca de prazer e lazer. Meu objetivo é verificar de que forma vêm (re)articulando locais e trajetórias na cidade a partir de vivências que desafiam a norma heterocêntrica. Para tal, observo a chamada Área Fértil, região em um parque público, em Goiânia, onde, aos domingos, nos períodos vespertino e noturno, dezenas de garotas e garotos paqueram, beijam e caminham de mãos dadas com suas/seus companheiras/os. Além dos encontros afetivo-sexuais, as/os jovens também constroem a Área Fértil como espaço para convívio entre amigas/os. Interessa observar como as performances de gênero e demonstrações de afeto dos sujeitos em destaque flexibilizam as fronteiras do “armário” (*closet*) e precipitam alarde e pânico moral. No esforço de problematizar os dispositivos que cerceiam e potencializam as experiências desses jovens na metrópole, destaco gênero, classe e geração como marcadores sociais em perspectiva interseccional para compreender tais dinâmicas e, ainda, exercitar o acionamento da diferença enquanto categoria analítica.

Palavras-chave: Juventudes; Sexualidades; Sociabilidades; Antropologia Urbana

Neste texto, proponho questões a partir de minha pesquisa em andamento no mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. Discuto como jovens vêm se apropriando de um espaço público não-comercial em Goiânia e constituem vivências que desafiam a norma heterocêntrica em suas sociabilidades.

O local em questão, intitulado pelas/os jovens como Área Fértil, é um espaço constituído no perímetro de um parque público³ em Goiânia. As/os jovens realizam

¹ Trabalho apresentado na 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás e pesquisador do Ser-Tão, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade da UFG. gyp3@hotmail.com

³ Evito mencionar o nome do parque, bem como algum referencial que permita identificar essas garotas e esses garotos. Ademais, os nomes próprios que constam neste texto estão modificados, portanto, não correspondem àqueles utilizados pelas/os jovens.

ocupação de uma região do parque sempre aos domingos, nos períodos vespertino e noturno, sendo que os próprios limites e fronteiras da Área Fértil são flexibilizados mediante o número de jovens presentes e as situações que ocorrem neste espaço.

A seguir, apresento a Área Fértil a partir de incursões a campo realizadas em 2009 e 2010. Em seguida, passo a refletir sobre ambientes de sociabilidade homoerótica, bem como sobre estratégias e dispositivos que os configuram. E, por fim, agrego à discussão os desafios e implicações para a realização da etnografia. Busco contrariar um silenciamento sobre condutas eróticas de sujeitos na minoridade e procuro, ainda, minar os poderes que vinculam instituições e sujeitos “autorizados” a dizerem por e sobre garotas e garotos, além de suas condutas eróticas.

Domingo no parque

O parque onde as garotas e os garotos constituem a Área Fértil tem cerca de dezoito mil m² e está localizado em uma região de Goiânia característica por produtos, bens e serviços destinados a uma parcela da população com alto poder de consumo. Esse logradouro público é cercado por grandes edifícios residenciais, galerias comerciais e um dos maiores shoppings da cidade. Em contraste com a concentração de edifícios que o delimita, o parque é caracterizado por um denso bosque e o restante de sua área é preenchida por grama e árvores dispersas. Há pistas para caminhada e passeio, equipamentos para ginástica, um grande lago e a sede da administração – onde ficam os agentes da guarda municipal quando não estão em ronda. O parque é atendido por várias linhas de transporte coletivo e é freqüentado por diversas pessoas e grupos⁴.

Existe um ponto central para o encontro das garotas e dos garotos da Área Fértil e que também serve como local estratégico de onde é deflagrado o processo de ocupação. Em analogia com uma célula, o ponto inicial de concentração das/os jovens seria o “núcleo” da Área Fértil, sendo que toda a área que expande esse “núcleo” seriam suas fronteiras.

O referido “núcleo” emerge em uma região localizada entre o denso bosque e a sede da administração do parque. Esse é um dos poucos trechos que não é coberto por grama e, portanto, não é privilegiado para quem queira sentar ou fazer piquenique.

⁴ *Punks*, góticos, metaleiros, *rockers* comparecem ao local, além de pessoas que buscam fazer piquenique, exercícios físicos, encontrar conhecidas/os e namorar.

Exatamente neste local há cinco bancos dispostos em círculo em volta de uma árvore. Eis aí o que chamo de “núcleo” da Área Fértil.

Os bancos que circulam a árvore comportam até quatro pessoas e são utilizados por quem deseja permanecer nesse local, que é mais distante do lago e dos aparelhos de ginástica. Contudo, aos domingos, geralmente a partir das 14 horas, jovens começam a chegar ao parque e realizar o processo de ocupação dos assentos e, assim, constituição da Área Fértil. As pessoas se aproximam em duplas ou grupos e, caso sozinhas, geralmente conhecem ou esperam encontrar alguém. Quem chega só e não conhece ninguém provavelmente fica sem interação, salvo em casos onde promove a iniciativa ou em situações em que é introduzida/o por um/a jovem já estabelecida/o.

O local que passa a ser o “núcleo” da Área Fértil começa a receber um número crescente de jovens, situação que é suficiente para despertar a atenção de transeuntes, pois, ao contrário de muitas e muitos que apenas transitam por essa região, as/os jovens em questão permanecem nela. Outra peculiaridade dessa ocupação distingue a região do restante do parque. Nas tardes e noites de domingo, diversas/os jovens desafiam a inteligibilidade de um olhar fundado na heteronormatividade⁵. Em todas as incursões a campo percebi recorrente investimento em um código visual específico. A começar por seus corpos, tanto garotas quanto garotos trajam roupas, acessórios, maquiagens e penteados que evocam um desafio à inteligibilidade de suas performances de gênero (BUTLER, 2008).

Uma situação ilustra essa peculiaridade. Uma garota com cabelo curto e que estava de sandálias, bermuda jeans e blusa com estampa tipo indiana rondava alguns bancos. Em certo momento um jovem a perguntou: “Você é menino ou menina?”. Imediatamente, a garota levantou sua blusa até exhibir o sutiã. O ato da garota, bem como a possível confusão quanto ao gênero performado, não é um caso isolado na Área Fértil.

Além o investimento em códigos e performances peculiares, essas/es jovens utilizam dessa região específica no parque para paquerar, beijar, dar as mãos e compartilhar demais afetos entre companheiras/os. Além disso, elas/es constituem nessa região um local para encontro de conhecidas/os e amigas/os.

⁵ Entendo a heteronormatividade enquanto matriz cultural que expressa “as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade” (MISKOLCI, 2009, p. 7).

Os limites da Área Fértil sofrem expansão e retração em virtude de eventos e situações no decurso das horas de ocupação que esses sujeitos realizam. Quanto mais distantes dessa região, menos “fértil” se torna tal área. Isso porque fora da concentração de jovens – demarcada na região dos bancos que circulam a árvore – há cada vez mais exposição a violências e agressões de pessoas e grupos intolerantes. Ainda assim, as/os jovens da Área Fértil também trafegam por outros locais, como o shopping em frente ao parque.

Conforme a tarde passa e a noite chega, as fronteiras da Área Fértil se expandem. À noite, um contraste pode ser percebido ainda mais explicitamente: enquanto a presença rarefeita de pessoas no restante do parque é marcante, na Área Fértil é notável grande concentração de garotas e garotos dissidentes. Quanto mais tarde, mais jovens aparecem; quanto mais escuro, mais pessoas; quanto mais imersos na penumbra, mais descontração e espontaneidade; quanto mais intensos, mais suscetíveis.

O número de pessoas presentes nesse momento de maior expansão da Área Fértil, ou seja, no período noturno, pode chegar a cerca de sessenta jovens. A evacuação do local é feita paulatinamente até que em meados de 22 horas não mais há aglomeração no parque. Quando se ausentam por completo da Área Fértil, as/os jovens também o fazem em duplas e grupos, raramente sozinhas/os. Elas/es não necessariamente retornam a suas casas, podendo recorrer a outros lugares onde poderiam continuar em contato com amigas/os e paqueras. Ainda assim, algumas/ns jovens relatam que há pessoas que viram a madrugada no parque.

Sexualidades dissidentes e espaços de sociabilidades

A visibilidade de práticas homoeróticas, bem como o estabelecimento de áreas de confluência, sociabilidade e interação entre homossexuais, não é um fenômeno recente no Brasil. A existência de locais e roteiros para relações afetivo-sexuais entre homens no final do século XIX, a título de exemplo, fazia notória a Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro (GREEN, 2000). Outro exemplo são as zonas de prostituição para os encontros eróticos entre homens na cidade de São Paulo, em 1980 (PERLONGHER, 2008).

Contudo, a publicização da homossexualidade e a visibilidade sobre práticas afetivas não-heterossexuais no Brasil foram carregadas de um caráter muito distinto a

partir da década de 1990. As condições para o agenciamento de espaços e a as vivências de condutas homoeróticas em público passaram por reconfigurações em todo o país, atingindo de maneira peculiar os grandes centros urbanos (FRANÇA e SIMÕES, 2005).

Após o processo de redemocratização do país e o alarde sobre a aids, a reestruturação e institucionalização do movimento de lésbicas, gays, travestis e transexuais (LGBT), um contexto distinto favoreceu que as práticas e vivências homossexuais se tornassem ainda mais visibilizadas. Tais processos, que têm relação com a ampliação dos direitos civis, modificaram o lugar social da homossexualidade no Brasil (FACCHINI, 2008), sendo que, paralelamente a esse processo, inúmeros serviços e produtos passaram a priorizar tal público. A formulação de políticas públicas, a luta por legislação anti-discriminação, a articulação de uma mídia segmentada, a efervescência de um mercado especializado e de um empresariado atento têm inserido as demandas referentes às vivências de LGBT nas pautas política, social e cultural do país.

Aliada a oferta de bens destinados a um determinado público, foram constituídos variados ambientes para sociabilidades homoeróticas. Esses locais foram expandidos e complexificados em abrangência e público freqüentante. Contudo, mesmo com essa nova configuração de ambientes para interação entre homossexuais, a vulnerabilidade e intolerância ao público LGBT, principalmente daqueles indivíduos que demonstram afeto em público, está manifesta em relatos de assassinatos e demais modalidades de violência, haja vista que ainda hoje, no Brasil, casais de homens ou/e de mulheres não terem reconhecida sua união civil e a inexistência de uma lei federal que tipifique a homofobia enquanto crime. Apesar de maior visibilidade, de um movimento social que se articula nacionalmente, de ações governamentais pontuais, a intolerância e as violências que atingem a população LGBT são inúmeras.

Dada a ampliação de estabelecimentos comerciais e privados que atendem ao público homossexual, ambientes como bares, saunas, cinemas e clubes de sexo podem se tornar locais privilegiados a quem busca segurança no contato afetivo-sexual com pessoas do mesmo sexo. Entretanto, além desses locais, também nota-se a ampliação de ambientes de sociabilidade homoerótica em público, como em praças, ruas e bosques. A questão que destaco e que, por conseguinte, diferencia os espaços de sociabilidade em questão, é *como* são configuradas as estratégias das/os frequentantes para sua convivência em tais ambientes.

Importa, principalmente, refletir as sociabilidades fora de espaços eminentemente comerciais⁶. A presença de jovens homossexuais em espaços públicos para interações afetivo-sexuais e lazer impele à reflexão sobre como estes indivíduos agenciam sua sexualidade vinculada a determinados ambientes e roteiros de sociabilidade. Destaco a seguir trechos de uma conversa via MSN⁷ que estabeleci com Elaine, uma das freqüentadoras da Área Fértil. Essa interação foi estabelecida após nos conhecermos em campo. Durante a troca de mensagens, falávamos sobre o parque e como cada um/a soube do local onde as garotas e os garotos em questão se reúnem.

Marcelo: *Como você soube da Área Fértil?*

Elaine: *Eu freqüento lá tem uns 5 anos. É desde meus 16 anos que freqüento lá.*

Marcelo: *Entendi! Mas, me diz, você freqüenta há 5 anos o parque, certo?*

Elaine: *Sim.*

Marcelo: *Então, desde quando começou aquele tipo de organização das meninas e meninos perto dos bancos?*

Elaine: *Há muito tempo atrás. Lá é um lugar que achamos para esconder dos héteros e ter calma lá.*

Marcelo: *Eu não conhecia nesse tempo que você falou.*

Elaine: *É porque lá pra frente as pessoas ficam rindo e discriminando, ai lá foi um lugar melhor.*

Em suas afirmações, Elaine indica alguns elementos importantes para a compreensão sobre a constituição da Área Fértil enquanto um espaço de sociabilidade. Uma primeira característica é que, como ambiente localizado em um parque público, a Área Fértil não existe senão por iniciativa e articulação de suas/seus próprias/os freqüentadoras/es e, portanto, nunca sem elas/es.

Ambientes como boates, saunas, cinemas e bares destinados exclusiva ou prioritariamente para interações homoeróticas têm características específicas onde as condutas, práticas e interações entre suas/seus freqüentadoras/es estão relacionadas a

⁶ Considero relevante frisar que os ambientes comerciais não deixam de ser importantes e estratégicos para convivência entre pessoas do mesmo sexo, seja para amizades, namoros, práticas sexuais ou qualquer outra utilização que possa ser produzida – e reproduzida – nestes espaços.

⁷ Trata-se de um *software* para interações via internet, sendo o MSN um dos mais utilizados para esse fim. O diálogo em questão foi estabelecido em 1º de julho de 2010.

estrutura, parâmetros e regras de cada um destes locais. Assim, sendo que alguns clubes podem abrir as portas para o público durante as madrugadas ou, então, sendo que alguns cinemas podem interditar a entrada de garotas, por exemplo, as/os frequentadoras/es de tais espaços precisam se adequar aos referenciais de cada casa para estabelecerem suas relações. Além disso, cada um/a das/os clientes assimila ou produz certas regras, códigos e níveis de expectativa que operam em cada um desses estabelecimentos.

No parque público onde as/os jovens constituem a Área Fértil, há, evidentemente, códigos, expectativas, parâmetros e estrutura a serem considerados. Contudo, esses jovens precisaram *criar, elaborar* suas sociabilidades considerando as particularidades do parque. Para constituírem um lugar “para esconder dos héteros e ter calma”, conforme menciona Elaine, essas/esses jovens inauguraram uma modalidade de apropriação de espaço público que, por conseguinte, favoreceu a constituição de um espaço de estímulo à convivência entre sujeitos que, caso fora dos limites da Área Fértil, poderiam ser discriminados ou, ainda, interditados em acesso a este equipamento urbano.

Nesse sentido, é possível identificar na sociabilidade das/os garotas/os da Área Fértil um exercício de resistência aliado a um processo de criatividade. Ao mesmo tempo em que são elaboradas e inauguradas condições para agenciamentos de relações não-prescritivas e institucionalizadas, está em jogo entre essas garotas e esses garotos uma modalidade de contraposição a dispositivos que invisibilizam e interditam a manifestação de afeto em público, performances que borram fronteiras de gênero e condutas homoeróticas.

O encontro de jovens na Área Fértil para experiências eróticas e sociabilidades em público contraria o dispositivo heteronormativo que restringe a convivência de homossexuais adultos a ambientes comerciais. Ademais, o parque onde ocorre a Área Fértil está afastado das manchas⁸ de sociabilidades homoeróticas em Goiânia.

Essas/es jovens estabelecem, então, uma área de sociabilidade que não está submetida ou não se sustenta em função de estabelecimentos comerciais. A maioria das/os jovens que frequentam e constituem a Área Fértil não têm acesso a alguns desses

⁸ As manchas, bem como “cenas”, trajetos e circuitos, conforme Magnani (2005), não podem ser consideradas isoladamente, senão enquanto elementos de uma relação dos indivíduos com espaços que utilizam nas cidades. Nesse caso, remeto-me a áreas com estabelecimentos comerciais e bosques de pegação onde ocorrem distintas modalidades de sociabilidades, geralmente estabelecidas no centro de Goiânia ou em áreas contíguas.

ambientes, pois não correspondem à maioria legal. Entretanto, é preciso salientar que, de alguma forma, seja entrando clandestinamente em estabelecimentos para adultos ou freqüentando eventos preparados para receber menores, como matinês em boates, as/os jovens não refutam a possibilidade e, muitas vezes, a predileção pela Área Fértil. Assim ocorre no caso de Elaine, que busca a essa região do parque desde os dezesseis anos e não deixou de recorrer a ela, mesmo alcançando a maioria.

Tendo a compreender o estabelecimento de regiões para sociabilidade homoerótica em público, tais como a Área Fértil, como estratégias para subversão e articulação criativa para novos modos de convivência. Assim, como salienta Michel Foucault, o que pode parecer mais instigante é exatamente esse potencial para a construção, pluralização e, principalmente, manutenção de estilos de vida.

Penso que é isto o que torna "perturbadora" a homossexualidade: o modo de vida homossexual muito mais que o ato sexual mesmo. Imaginar um ato sexual que não seja conforme a lei ou a natureza, não é isso que inquieta as pessoas. Mas que indivíduos comecem a se amar: aí está o problema. A instituição é sacudida, intensidades afetivas a atravessam; ao mesmo tempo, a dominam e perturbam (FOUCAULT, 2010b: 2).

Em tal formulação, Foucault sugere não a descoberta da “verdade” do sexo ou “aprisionamento” de indivíduos a determinadas identidades. Distintamente, estão em jogo modalidades de elaboração de novos modos de vida, relações e coexistências (FOUCAULT, 2010a; 2010b; 1998; 1988). Ademais, em uma instigante leitura, David Halperin indica que a homossexualidade em Foucault é considerada “como una posición marginal situada estratégicamente desde la cual es posible entrever y desarrollar nuevas formas de relacionarse con uno mismo y con los otros” (2004: 89).

Com relação a essa proposição em Foucault, sugiro a Área Fértil como um exercício de jovens em formular, em um espaço público avesso a sociabilidades homoeróticas, uma prática contínua de resistência. Esse exercício desafia à percepção sobre como as garotas e os garotos desenvolveram uma região “fértil” frente a um árido conjunto de dispositivos que tendem a expulsá-las/os daquele local. À medida que a cada domingo elas e eles apropriam-se de um trecho no parque, estão configurando uma zona onde não se reforça, mas se desafia a (hétero)norma.

Miskolci indica que “vivemos em uma época em que a heterossexualidade é o meio privilegiado de socialização e apenas neste regime de verdade as pessoas são reconhecidas, aceitas e inseridas nas principais instituições sociais” (2007: 56). Dessa

forma, um efeito da presença de jovens em ambiente público em contexto de sociabilidade homoerótica é, portanto, um duplo deslocamento, sendo o primeiro correspondente aos trânsitos na cidade para usufruto e apropriação de um parque; e, um segundo deslocamento, é a desestabilização de poderes que, reiteradamente, tentam “garantir a manutenção do espaço público como sinônimo de heterossexualidade pela restrição da homossexualidade ao privado” (DUQUE, 2009: 133).

Outro efeito ou conseqüência da emergência de espaços que viabilizam interações afetivas e eróticas entre adolescentes homossexuais é o pânico ou terror erótico, como indica Gayle Rubin (1989). Esse processo se intensifica porque em suas condutas, as/os jovens ainda deslocam fronteiras de gênero, seja por suas performances corporais, pelos códigos estéticos e visuais ou pela demonstração de afeto em público. Segundo Rubin, “aunque el aparato legal sobre el sexo es inmenso, la mayor parte del control social cotidiano es extra-legal. Se imponen sanciones sociales menos formales, pero muy efectivas, a los miembros de poblaciones sexuales ‘inferiores’”. (1989: 156).

Sendo assim, a ocupação da Área Fértil exige das/os jovens cuidados e atenção mediante a algumas personagens que, caso não observadas, podem se tornar uma ameaça a sua permanência no parque. Trato aqui de três tipos específicos que sempre estão presentes no local e que intervêm na Área Fértil, sendo os transeuntes, os policiais militares e os guardas municipais.

Quanto aos transeuntes, muitas/os jovens têm histórias de agressões por parte de pessoas intolerantes. As garotas e os garotos convivem com a constante ameaça de algum tipo de violência e, dado que a Área Fértil está situada rente ao denso bosque, dificilmente seria possível coibir ou prevenir alguma agressão. Muitas vezes as/os jovens entram no bosque para interações eróticas, mesmo que isso seja proibido.

A Área Fértil fica muito próxima à sede da administração do parque, onde está lotada a guarda municipal. Tal situação não implica necessariamente em segurança ou proteção às/aos jovens, visto que as intervenções da guarda geralmente ocorrem quando há algum dano ao patrimônio do parque. Há intervenções recorrentes da guarda quando algum/a jovem balança ou esbarra em um dos postes de luz. Como são poucos os pontos de iluminação na região da Área Fértil, quando um dos postes é desligado por ação das/os jovens fica perceptível aos guardas que alguém brincou indevidamente com o patrimônio público.

Em uma de minhas incursões a campo, o movimento de alguém fez um poste desligar e, imediatamente, guardas municipais apareceram. Um dos fardados perguntou quem tinha mexido no aparato a ponto dele desligar. Cerca de vinte garotas/os estavam nesse local e ninguém denunciou quem brincou com o poste, apesar de saberem de quem se tratava. Os guardas, então, exigiram energicamente que todas/os que estavam próximos do ponto de iluminação se retirassem. Nesse momento todas/os recorreram ao “núcleo” da Área Fértil.

Quando os guardas conseguem perceber quem intervém no patrimônio nesse logradouro há dura repressão, sendo que algumas/ns jovens flagrados são levadas/os para a sede da administração do parque. Quando estão em ronda e passam pelo “núcleo” da Área Fértil, a própria aproximação dos guardas inibe as/os garotas/os.

Outra fonte de insegurança é a polícia militar. A presença de policiais no parque é recorrente, contudo, com intensidades e abordagens diferentes. Dessa forma, presenciei uma situação que me intrigou. Algumas viaturas adentram o parque e, em alguns momentos, chamam as/os garotas/os para conversar. Nessa interação, alguns policiais especulam sobre aquelas/es jovens e sobre o motivo de sua concentração. Adamor, um dos garotos freqüentadores da Área Fértil, relatou que um policial queria saber qual era aquela “tribo”. O garoto, então, respondeu “Nós somos homossexuais e não pertencemos a nenhuma tribo”. Contudo, apesar de situações de conversa, a presença de policiais é motivo de inquietação, pois em determinadas situações as/os jovens são impelidos a serem revistados abruptamente.

Os policiais e guardas municipais interferem diretamente na Área Fértil e estão entre os tipos de personagens que demandam cautela das/os jovens. Trata-se de um tipo de contato que elas/es não podem evitar ou repudiar, senão administrar. Contudo, os transeuntes e outras/os freqüentadoras/es do parque nem sempre são ameaça para as/os jovens da Área Fértil ou representam algum tipo de violência iminente.

Nesses múltiplos e contínuos deslocamentos, portanto, as/os jovens da Área Fértil permanecem atentas/os em relação a determinados tipos de pessoas para a vivência de suas sociabilidades ou, ainda, lidar com as o “dispositivo do armário”⁹

⁹ Como destaca Eve Sedgwick, “mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas” (2007: 4). Segundo Miskolci, “o armário é uma forma de regulação da vida social de pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo, mas temem as consequências nas esferas familiar e pública. Ele se baseia no segredo, na “mentira” e na vida dupla. Esta

(SEDGWICK, 2007). Em seguida, algumas situações que presenciei em campo possibilitam a averiguação de limites e estímulos às sociabilidades homoeróticas de jovens da Área Fértil.

Com barulho, muita pinta e em público

No esforço de problematizar os dispositivos que cerceiam e potencializam as experiências dessas/es jovens, cabe apontar a sexualidade, gênero, classe, geração, estilo para uma análise que congregue marcadores sociais e, ainda, possibilite o acionamento da “diferença” enquanto categoria analítica (FACCHINI, 2008; PISCITELLI, 2008; SIMÕES, 2008).

Apesar de ocuparem um logradouro público em região com oferta de bens e serviços para uma parcela da população que tem alto poder de consumo, as/os jovens da Área Fértil, em sua maioria, saem de bairros periféricos distantes do parque e, em vários casos, de cidades vizinhas a Goiânia. Essa peculiaridade das/os jovens é um elemento importante que, somada a outras categorias e experiências, favorece a reflexão sobre articulações e hierarquias internas desse espaço e que, por conseguinte, fomenta sujeitos mais ou menos integrados nas sociabilidades que lá ocorrem.

Uma cena interessante ocorreu num dado momento em que Alexandre, Edson e eu estávamos sentados a um banco no “núcleo” da Área Fértil. Eu frisava que muitas pessoas citavam ser do bairro Conjunto Cruzeiro do Sul. Foi então que imediatamente Edson falou que não era daquele bairro. Eu perguntei de onde ele era e Edson respondeu que morava no Parque Amazônia. Ele fez, com as mãos, um sinal indicando explicitamente uma hierarquia. Quando ele mencionou o Parque Amazônia, uma das mãos ficou suspensa no ar indicando um nivelamento e, com a outra mão, citou outros bairros e nivelando-os abaixo daquele que indicava, por sua mão, o Parque Amazônia. O bairro que ficava no ponto menos favorecido da hierarquia que ele criou era justamente o Conjunto Cruzeiro do Sul¹⁰.

tríade constitui mecanismos de proteção que também aprisionam e legam conseqüências psíquicas e sociais àqueles que nele se escondem” (2007: 58).

¹⁰ O Parque Amazônia é um bairro de Goiânia, sendo que o Conjunto Cruzeiro do Sul é situado em Aparecida de Goiânia, cidade vizinha da capital.

Outra situação que presenciei permite atenção a outra forma de contato com pessoas alheias a Área Fértil e, ao mesmo tempo, indica uma das particularidades da ocupação de uma região do parque. Era começo de tarde e algumas/ns jovens da Área Fértil já tinham iniciado a apropriação dos bancos no “núcleo”. Foi então que um casal formado por uma garota e um garoto ocupou um dos assentos que ainda estava vago.

Um grupo de garotos da Área Fértil começou a criticar a presença desse casal “estranho”. Ficou claro que a presença daquele garoto e garota, apesar de jovens, incomodava. O casal em destaque permaneceu ainda por cerca de uma hora no banco e sua presença no local representou a algumas/ns jovens da Área Fértil uma espécie de desajustamento.

Existem fronteiras simbólicas que distinguem pessoas e grupos que compõem o parque. Tais limites não são inteligíveis a todas as pessoas e o desrespeito a tais códigos pode ocasionar conseqüências graves. Isso ocorre também com as/os jovens da Área Fértil, pois uma manifestação de carinho e afeto entre dois garotos ou/e entre duas garotas dificilmente seria “acatada” em outra região nesse logradouro público.

A ocupação da Área Fértil se inicia com a chegada de pessoas nas imediações dos bancos. Logo as/os jovens se apropriam dos assentos e, posteriormente, chegam levadas de garotas e garotos. Então, caso existam pessoas “*outsiders*” dentro das fronteiras que estão sendo erigidas para a Área Fértil, no início da ocupação, não há problemas. Contudo, pode existir conflito e inadequação quando essas pessoas “de fora” insistem em permanecer no espaço.

Um dos elementos que constituíam a garota e o garoto como deslocadas/os em relação às/aos demais jovens da Área Fértil era justamente o investimento do casal em sua indumentária, bem como sua postura. A garota em questão utilizava uma bolsa e um vestido; enquanto isso, o garoto portava uma camisa e uma calça jeans. As garotas da Área Fértil nunca usam bolsas – quando muito, carregam mochilas – e em suas vestimentas não cabe qualquer tipo de vestido. Os garotos também não utilizam camisas, senão camisetas e blusas, além de calças e bermudas com cores vibrantes. Ademais, o “desajustamento” da garota e do garoto também está relacionado ao modo como se portaram.

Além das amigadas e colegas, a Área Fértil é recorrida por muitas/os jovens justamente em função da possibilidade de flertarem. Há uma modalidade de interação que é peculiar às pessoas no ambiente em questão. Percebe-se muito dinamismo, as

pessoas não ficam conversando muito tempo ou, ainda, não ficam paradas por grande período. Há uma espécie de atenção difusa e muita circulação. Uma só pessoa, uma dupla ou um grupo que está num banco logo sai e vai conversar com outras pessoas em outro assento. Dessa forma, as/os jovens conhecem mais pessoas e, assim, possíveis parceiras/os.

Em todo o tempo em que permaneceram no banco, o casal “deslocado” ficou ensimesmado, sem interação outras pessoas e, ainda, sem permitir brechas para o contato. Isso contrariou a modalidade de interação peculiar e fundamental para a Área Fértil. Aliás, a interação afetiva entre o garoto e a garota frustrou uma expectativa das/os jovens da Área Fértil. Não há uma interdição ou repúdio às pessoas que se denominam heterossexuais, contudo, a frustração ocorre também por parte de pessoas que têm essas condutas.

Além dos beijos, afetos, demonstração de carinho entre garotos e entre garotas, não deixam de existir interações de casais formados por um garoto e uma garota. Contudo, friso, a expectativa das pessoas que frequentam a Área Fértil é que se interessem e procurem por relações homoafetivas/homoeróticas.

“Você está no lugar certo”

Em *Ser afetado* (2005), Jeanne Favret-Saada questiona propósitos de uma “observação participante” mediante experiência etnográfica em que esteve envolvida. Caso "participar" poderia ameaçar seu projeto de conhecimento, "observar" poderia arruiná-lo. A autora indica, portanto, um incitamento ao “ser afetado”.

Não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assume o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível (2005: 160).

A postura indicada por Favret-Saada é um referencial para o projeto de conhecimento que tenho desenvolvido nas incursões a campo na Área Fértil. Passei por um período de aproximação e adaptação para conseguir ter acesso às/aos jovens e suas redes. Posso afirmar que esse processo será uma constante, mas destaco um momento

que caracteriza distintos investimentos e estratégias que utilizo para a realização da etnografia.

Nas primeiras visitas à Área Fértil eu não conhecia nenhum/a das/os jovens que a freqüentavam e, ainda, tinha pouco conhecimento sobre como eram configuradas as relações entre as pessoas neste ambiente, seus códigos e condutas. Com cautela peculiar de quem inicia o trabalho de campo, busquei “observar” o local. Nessa postura, meus olhares e minha proximidade poderiam implicar flerte, reprovação, ameaça, desejo de contato ou qualquer outra interpretação que fugia a meu controle. Contudo, eu não me queria incólume ou invisível, senão presente naquelas sociabilidades.

Nesse primeiro momento, eu me posicionava distante do “núcleo” da Área Fértil e, às vezes, sentado em um dos bancos onde emerge a concentração de garotas e garotos. A situação de “observação” era uma condição limítrofe, pois, se ficar isolado é estranho e inadequado, uma aproximação incisiva e precipitada poderia causar tensões. A postura de “observador” e, ainda, o fato de não compreender seus códigos e não ser jovem como elas/es me fazia “fora de lugar”.

Percebi, portanto, que o campo exigia que eu assumisse algumas posturas como condição para minha permanência no local. A isso devo acrescentar a necessidade de apresentação de minha intenção de pesquisa. Por mais que minha intenção pudesse ser inesperada para aquele tipo de sociabilidade, caso não a demonstrasse aquelas/es garotas/os poderiam ignorar ou ter receio de algum tipo de aproximação de minha parte. Dessa maneira, destaco a seguir um diálogo que estabeleci com Francisco na Área Fértil.

Marcelo: *Você vem nesse local por quê?*

Francisco: *Por que ele é o melhor.*

Marcelo: *Qual local?*

Francisco: *Esse local.*

Marcelo: *O parque ou aqui?*

Francisco: *Aqui.*

Marcelo: *Mas o que tem de especial aqui?*

Francisco: *Ah, aqui é um lugar pra nós.*

Marcelo: *“Nós” quem?*

Francisco: *Ah, pra gente.*

Marcelo: *Mas como você descreveria essas pessoas?*

Francisco: *As pessoas aqui gostam de rock, é gay ou lésbica, vêm aqui pra beber.*

Marcelo: *Nossa, que interessante! Você acha que estou incluído nessa galera que você falou?*

Francisco: *Não, você não tem nada a ver com a gente.*

[Há um momento de breve pausa no diálogo]

Francisco: *Você trabalha com que?*

Marcelo: *Eu sou pesquisador na UFG. Conhece a UFG?*

Francisco: *Demais.*

Marcelo: *Pois é. Estou estudando Antropologia.*

Francisco: *Antropologia?*

Marcelo: *É, minha pesquisa envolve juventude e sexualidade.*

Francisco: *Ah, então você está no lugar certo!*

Esse diálogo é indicativo de alguns parâmetros para minha inserção em campo. Ao sentenciar “Você não tem nada a ver com a gente”, Francisco explicita que há uma distância entre as/os frequentadoras/es da Área Fértil e o antropólogo. Por outro lado, com a colocação “Você está no lugar certo!”, ele reforça que, no lugar onde estamos, eu encontrarei elementos que busco a fim da pesquisa. Dessa forma, o garoto me fez mais evidentes os referenciais para minha incursão em campo, pois, ao mesmo tempo em que não sou um/a delas/es, essa distância não necessariamente impediria contatos ou prejudicaria interações.

No processo de adaptação para a etnografia na Área Fértil, passei, portanto, a adotar outra postura. Para o campo assimilei uma precaução ao recorrer a determinado código estético e visual que me fizesse menos distante daquelas/es jovens¹¹. Passei a contatar as pessoas e interagir com elas, seja na Área Fértil ou em passeios no shopping e outras regiões próximas ao parque. Assim, galguei outro patamar na relação com as

¹¹ Mediante indicações das/os garotas/os, passei a adotar uma cautela específica ao trajar-me e intervir em meu corpo para a etnografia. A título de exemplo, não mais pude comparecer à Área Fértil portando barba. O investimento em um “estilo” é uma das preocupações das/os jovens. Hiran me informou que, apesar de pessoas de vários “estilos” coexistirem na Área Fértil, há um elemento que é central: as cores. Há uma grande profusão de tons vibrantes e intensos, seja nos acessórios, na tintura dos cabelos, nas pulseiras e nos óculos que essas/es jovens utilizam.

garotas e com os garotos, sendo que fui autorizado a ter acesso a suas redes e, ainda, conhecer mais pessoas através de algumas/ns dos jovens a qual consegui um contato mais próximo.

Dessa maneira, pude realizar a transição de uma postura de “observador” para uma incursão a campo com caráter eminentemente “participante”. O processo de mudança da postura de “observação” para “participação” não pode ser considerado uma opção ou uma estratégia para a realização da etnografia, senão uma condição. Isso me permite presente no ambiente da Área Fértil e, ainda, em contato com algumas/ns interlocutores específicos que venho constituindo e me possibilita também o estabelecimento de aproximação com mais pessoas.

Nessa “participação”, algumas/ns garotas/os passaram a me considerar como um de seus contatos possíveis. Contudo, algumas situações marcam as diferentes modalidades e intenções na Área Fértil entre as/os jovens e o antropólogo. A preocupação daquelas pessoas definitivamente não são as minhas, pois, enquanto elas querem encontrar amigos, flertar, beijar, serem reconhecidas por colegas e pretendentes, minha questão é realizar a etnografia.

Indico, por fim, que em detrimento a acatar alguma espécie de receituário etnográfico, precisei atribuir atenção aos processos e decisões mais adequadas na realização do trabalho de campo. Conforme indica Rogers, “é no *viver* e não no *interpretar* que o antropólogo encontrará os meandros do desejo, outros modos de vida” (2006, p. XVII – grifos do autor). Nesse sentido, coaduno novamente com Favret-Saada (2005) no processo que permite a essa etnografia ser “possível”.

Considerações finais

Gostaria de reforçar alguns tópicos que discuti no texto aliando o trabalho de campo em andamento e os referenciais teóricos que compreendi dialogar com a experiência de sociabilidade homoerótica das/os jovens em questão. A apropriação de um espaço público possibilita que as garotas e os garotos da Área Fértil não se restrinjam ou estejam circunscritos apenas a ambientes, tipos de relação ou sociabilidades vinculadas a estabelecimentos comerciais para condutas homoeróticas.

A aglomeração dessas/es jovens é marcada por descontração, demonstração de afeto e performances que borram uma coerência hegemônica suposta entre corpo,

gênero e desejo (BUTLER, 2008). As/os jovens paqueram, beijam, caminham de mãos dadas e compartilham outros afetos com companheiras/os. E, paralelo a tais agenciamentos eróticos, as/os frequentadoras/es deste local o utilizam para encontrar e constituir novas amizades.

A interação das garotas e dos garotos tem um potencial criador de novas modalidades de contato e, ainda, e permite a leitura de um exercício de resistência à heteronormatividade. Entretanto, paralela às estratégias de ocupação de um logradouro público, as/os jovens em questão também constituem novas hierarquias, condutas e códigos que, assim, podem afastar ou aproximar pessoas na medida em que essas correspondem (ou não) às expectativas deste lugar.

Mediante trabalho de campo consegui apreender alguns referenciais e parâmetros que me impeliram a adotar posturas para não me afastar das/os jovens e, simultaneamente, provocaram minha aproximação em relação de tais interlocutoras/es e suas redes. A etnografia que realizo na Área Fértil, contudo, não implica em investimentos para tornar-me um/a delas/es, senão de alguma forma “participar”, interagir e congregar suas sociabilidades.

Tendo a compreender a Área Fértil como uma resposta às discriminações, carência de lugares e estratégias para sociabilidades dessas/es jovens. Contudo, há um elemento em abundância em tais vivências: a demanda por prazer e lazer. A Área Fértil pode ser compreendida como uma estratégia para subversão e articulação criativas para um modo de convivência entre sujeitos que, quando juntos, “botam o bloco na rua”.

Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

DUQUE, Tiago. *Montagens e Desmontagens: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: UFSCAR, 2009.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Être affecté. Ser afetado, Tradução de Paula Siqueira; *Cadernos de Campo*, n. 13, 2005, p. 155-161.

FOUCAULT, Michel. Sexo, poder e a política da identidade. Entrevista de Michel Foucault a B. Gallagher e A. Wilson. Toronto, junho de 1982; *The Advocate*, n. 400, 7

de agosto de 1984, pp. 26-30 e 58. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/sexo.pdf>, acesso: 14, mai. 2010a.

_____. Da amizade como modo de vida. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. Le Bitoux, publicada no jornal Gai Pied, nº 25 de abril de 1981, p. 38-39. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amizade.pdf>, acesso: 14, mai. 2010b.

_____. Não ao sexo rei. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p. 229-42.

_____. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FRANÇA, Isadora Lins; SIMÕES, Júlio Assis. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James & TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos*. São Paulo. Editora Unesp, 2005, p. 309-336.

GREEN, James N. *Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HALPERIN, David. *San Foucault: para uma hagiografia gay*. Córdoba: El Cuenco de Plata, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. In: *Tempo soc.* 2005, vol.17, n.2, pp. 173-205.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 21, jun, p. 150-182, 2009.

_____. Comentário. *Cad. Pagu*, Jan./June 2007, no. 28, p. 55-63.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, 2008, p. 9-32.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, 2008, p. 263-274.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole. (comp). *Placer y peligro*. Explorando la sexualidad femenina. Madrid: Revolución, 1989, p. 113-190.

ROGERS, Paulo. *Os afectos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas*. Dissertação de mestrado: Universidade de Brasília, 2006.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cad. Pagu*, Jan./June 2007, no. 28, p. 19-54.

SIMÕES, Júlio. Sexualidade, gênero, cor/raça e idade em lugares de sociabilidade homoerótica em São Paulo. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 8*, 2008, Florianópolis. *Fazendo Gênero - Corpo, violência e poder*, 2008. v. 1.